



PORQUE FALTA LEITE EM GOIÁS

Em 1990, Goiás produziu 1,08 bilhão de litros de leite, ou 7,4% da produção nacional. Em 1999, a produção local havia crescido 81,6%, enquanto a brasileira aumentou 40,4%. O leite em Goiás cresceu, portanto, o dobro do percentual alcançado pelo País em igual período. O Estado, então, assumiu o posto de segundo maior produtor, perdendo apenas para Minas Gerais.

Dez anos depois, em 2009, o Estado foi ultrapassado por Rio Grande do Sul e Paraná, e passou para a quarta posição na lista dos maiores estados produtores. Além disso, os laticínios passaram a temer o futuro, pois afirmam que estão com elevada capacidade ociosa. Por que isso aconteceu?

Dois fatos ocorreram no início dos anos 90, que mudaram o destino de Goiás. O primeiro foi a mudança do ambiente de negócios. A abertura comercial promovida pelo Governo Collor, somada à adoção do Plano Real, no Governo Itamar-FHC, levaram as empresas de todos os setores a um ambiente de competição aberta com o restante do mundo. Então, descobrimos que os preços dos produtos brasileiros eram mais elevados do que os produtos importados. Para sobreviver, as empresas buscaram ganhos de eficiência, ou seja, maior produção ao menor custo.

É aí que se identifica o segundo fator decisivo, ocorrido na mesma época. A Embrapa transformou o Cerrado em solo viável economicamente para a produção agrícola. Até então, o Cerrado era considerado terra ruim e desvalorizada, não indicado para a agricultura. Pois passamos a ser o único país do mundo a dominar a exploração comercial agrícola neste bioma. Então, Goiás e todo o Centro-Oeste estavam prontos para a transformação. Para lá foram as culturas da soja, do milho e as cadeias de proteína animal dependentes desses insumos: suíno e frango. Para lá também foram o leite, o algodão e outras culturas.

Frango e suíno são, há muito, são exemplos bem-sucedidos da aplicação do conceito de cadeias produtivas, em que os elos que a compõem são sistematicamente organizados pela indústria, que faz a gestão de cadeia de suprimentos, ou seja, a indústria coordena todo o processo produtivo, com pacotes tecnológicos que são levados aos produtores. O frango e o suíno foram para Goiás com esta cultura, cercados de planejamento de longo prazo pela indústria, que sabia o que queria e onde queria chegar.

Já no leite, a cultura existente era a mesma da produção extensiva de carne. Então, no início, houve um esforço considerável no sentido de motivar os produtores a saírem de uma condição de desorganização produtiva, em que o leite era atividade secundária.

Neste movimento, duas pessoas se destacaram. Uma delas foi João Bosco Umbelino, então presidente da Faeg-Federação da Agricultura do Estado de Goiás, que liderou esse movimento de valorização do leite organizando produtores, buscando políticas públicas para a atividade e procurando melhorar o preço do produto. Tudo isso aconteceu nos meados dos anos 90. Outro destaque foi o jovem médico Leonardo Vilela, que despontou como liderança do setor, de Mineiros-GO para o Brasil.

Portanto, a transformação do leite em Goiás ocorreu por liderança dos produtores, e não pela coordenação da indústria. Na verdade, aconteceu apesar da indústria, pois os agentes industriais não perceberam que havia uma mudança no ambiente e não agiram no sentido de apoiar este movimento.

Goiás era um Estado exportador de leite. Localizado longe dos grandes mercados, excetuando-se Brasília, sua competitividade era afetada pelo custo do frete. Para compensar, a indústria pagava menos pelo leite

do que em outros locais. Diante da política de preços baixos praticada pela indústria láctea goiana restava ao produtor aumentar a produção visando obter mais receita, já que receita é preço vezes quantidade produzida.

Nos anos 90, a indústria láctea goiana, como de resto a indústria láctea brasileira, entendeu que ganhar eficiência passava por cortar os gastos com assistência técnica e apoio ao produtor. Sob esse aspecto, houve uma involução em relação à década anterior, a dos anos 80, e os produtores ficaram sem suporte e sem ações de coordenação partindo da indústria, apesar dos riscos elevados que caracterizam produzir leite no Brasil.

Como a produção crescia a taxas elevadas no Estado, os preços pagos aos produtores eram menores que os praticados nos demais estados brasileiros. Com a matéria-prima mais barata e a preferência do consumidor pelo leite longa vida, o que tornou o produto menos perecível, a indústria goiana ganhou competitividade e passou a estar presente nos principais mercados brasileiros.

Nesse ambiente, a indústria não viu motivo para investir na organização da cadeia. Por outro lado, o produtor vivia num ambiente motivador com a realização de mega eventos e com o acesso fácil a empréstimos para investimentos na aquisição de máquinas, equipamentos e animais. A história do crédito rural no Brasil provou que dinheiro barato estimula a entrada de produtores pouco aptos a exercer a atividade de modo eficiente e isso não foi diferente em Goiás.

A evolução das cadeias do frango e do suíno no Estado de Goiás foi muito diferente do que se passou com o leite. No primeiro caso, a indústria foi e ainda é protagonista. No segundo, a indústria, que é o somatório de todos os laticínios, não tem visão de longo prazo. Cada empresa atua por si, com a sua estratégia própria. Isso resulta na situação atual, em que a capacidade de processamento de leite é maior do que o leite disponível.

Mas, será que o leite está sumindo de Goiás? Pois, em 1999, após toda a transformação ocorrida no Estado, Goiás detinha 9,6% da produção nacional. Dez anos depois, em 2009, o Estado era responsável por 10,3%. Enquanto a produção brasileira cresceu 43,0% no período, em Goiás a produção cresceu 54,2%. Além disso, o Centro-Oeste é a região que, em termos percentuais, menos perdeu produtores de leite, entre 1996 e 2006. Enquanto 26% dos produtores deixaram de produzir leite, no Centro-Oeste a perda foi menor, de 15,4%.

Não é correto, então, pensar que o leite está sumindo de Goiás. A cana-de-açúcar tem ocupado espaço em propriedades pouco eficientes, que foram atraídos nos anos 90 para o leite, quando havia um "clima" motivador e dinheiro barato disponível, ou naquelas em que o proprietário já está velho e sem perspectivas de sucessão na família. Ademais, a terra ficou cara e o sistema extensivo de produção não mais se aplica. Isso, os gaúchos aprenderam há muito tempo.

Na região de Rio Verde, por exemplo, eu tenho sérias dúvidas quanto a se é viável produzir a pasto, ainda que intensivamente. O leite tem futuro, sim, em Goiás. As condições que levaram aquele estado a ser o celeiro nos anos 90 são as mesmas ainda hoje. Mas é preciso repensar toda a organização produtiva, sem oportunismo nefasto e com visão de longo prazo.

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, pesquisador da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

O leite tem futuro em Goiás. Mas é preciso repensar a organização produtiva, sem oportunismo nefasto e com visão de longo prazo